

SARDENBERG

Nada Duro o Bastante para Quebrar

Maria Alice Salgado

A Galeria Sardenberg tem o prazer de inaugurar seu novo espaço, localizado na Travessa Dona Paula, 29, com a exposição Nada Duro o Bastante para Quebrar, de Maria Alice Salgado. Nesta estreia da artista em São Paulo, o que se oferece ao olhar não é apenas uma coleção de objetos, mas também um convite a uma experiência de continuidade e entrega.

Nas formas biomórficas de Maria Alice, existe uma busca palpável por um erotismo em que os seres, normalmente isolados em sua individualidade, buscam a fusão com o outro. A cerâmica queimada, propositalmente deixada sem o pudor do esmalte ou do verniz, apresenta-se como pele — seca, porosa, oferecida. São corpos que parecem ter parado no exato momento em que a técnica se dissolve na terra.

Ao observarmos a construção minuciosa dessas peças, podemos perceber uma pulsação obsessiva: centenas de pequenas unidades, como células ou sementes, aglomeram-se para formar um todo que parece vivo, musculoso e em constante torção. Essa repetição não é mecânica, mas sim orgânica e rítmica, sugerindo um crescimento que ignora os limites da escultura tradicional. É a matéria que se dobra

sobre si mesma, num movimento de desejo que não conhece descanso. Há algo profundamente sensual na maneira como esses organismos se multiplicam e se acasalam no chão da galeria, uma sincronia de formas cujo único propósito é a beleza do encontro em si. O barro cru nos devolve ao tempo geológico de Ediacara — o título da exposição foi extraído do poema O Jardim de Ediacara, de Alan Shapiro — em que a vida florescia em pura presença, antes mesmo das funções biológicas rígidas, e os organismos multi-celulares não tinham boca, intestino ou órgãos reprodutivos. Assim, a galeria em estado de ruína se transforma num jardim de prazeres primordiais.

As peças de Maria Alice não se comportam como esculturas acabadas e distantes, mas funcionam como corpos num laboratório de afetos, testando terrenos e se entrelaçando. O espaço da galeria, suspenso entre o que foi destruído e o que está por vir, acolhe essas formas como se fossem parte de um ecossistema íntimo. A ausência de polimento não é uma falha, mas uma celebração da textura: o fogo agiu para interromper a transformação da terra em mercadoria, preservando a crueza que convida à carícia do olhar.

A formação da artista em bioconstrução traz para a galeria uma política de suavidade. Ao utilizar terra e palha — materiais ligados ao cuidado comunitário e ao saber feminino — Maria Alice transforma o canteiro de obras num espaço de acolhimento. O visitante é convidado a uma dança: precisa se curvar, desviar e focar no detalhe, abandonando a rigidez para conviver com as peças. Não há imposição monumental, apenas a respiração silenciosa das superfícies que pedem proximidade.

Ao insistir em formas que não são “duras o bastante”, a exposição nos seduz com a verdade da nossa própria natureza: somos, como a cerâmica, feitos de terra e desejo. Nada Duro o bastante para Quebrar nos lembra, de forma poética e terna, que a beleza reside justamente naquilo que é capaz de se entregar, de se abrir e, finalmente, de se fundir com o mundo.







De cunho imunológico, 2024

Cerâmica queimada em alta temperatura
[Ceramic fired at high temperature]

20 x 36 x 28 cm

[8 x 14 x 11 in]

(MAS0006)

Dionisio , 2024

Cerâmica queimada em alta temperatura
[Ceramic fired at high temperature]
23 x 35 x 26 cm
[9 x 14 x 10 in]
(MAS0007)





Nada a ganhar , 2024

Cerâmica queimada em alta temperatura

[Ceramic fired at high temperature]

21 x 31 x 23 cm

[8 1/2 x 12 x 9 in]

(MAS0004)



Casulo Asilo, 2026

Cerâmica queimada em alta temperatura
[Ceramic fired at high temperature]

19 x 42 x 40 cm

[7 1/2 x 16 1/2 x 16 in]

(MAS0018)



Cromeleque, 2025

Cerâmica queimada em alta temperatura
[Ceramic fired at high temperature]
30 x 44 x 33 cm
[12 x 17 1/2 x 13 in]
(MAS0001)

Falência, 2025

Cerâmica queimada em alta temperatura
[Ceramic fired at high temperature]
33 x 34 x 31 cm
[13 x 13 1/2 x 12 in]
(MAS0015)





Falácia, 2026

Cerâmica queimada em alta temperatura
[Ceramic fired at high temperature]
27 x 32 x 29 cm
[10 1/2 x 12 1/2 x 11 1/2 in]
(MAS0016)



Soma-Zero, 2025

Cerâmica queimada em alta temperatura
[Ceramic fired at high temperature]
20 x 95 x 40 cm
[8 x 37 1/2 x 16 in]
(MAS0017)





Nauronal-digestivo, 2025

Cerâmica queimada em alta temperatura
[Ceramic fired at high temperature]

26 x 85 x 53 cm
[10 x 33 1/2 x 21 in]

(MAS0011)

Tanatose, 2025

Cerâmica queimada em alta temperatura
[Ceramic fired at high temperature]
19 x 27 x 45 cm
[7 1/2 x 10 1/2 x 17 1/2 in]
(MAS0003)







Cocansados, 2025

Cerâmica queimada em alta temperatura
[Ceramic fired at high temperature]

Duas peças

13 x 20 x 16 cm

[5 x 8 x 6 1/2 in]

12 x 18 x 14 cm

[4 1/2 x 7 x 5 1/2 in]

(MAS0014)



Interstício (díptico), 2025

Cerâmica queimada em alta temperatura
[Ceramic fired at high temperature]

16 x 50 x 29 cm

[6 1/2 x 19 1/2 x 11 1/2 in]

(MAS0012)





Meiose I, 2024

Cerâmica queimada em alta temperatura
[Ceramic fired at high temperature]
27 x 33 x 19 cm
[10 1/2 x 13 x 7 1/2 in]
(MAS0009)

Meiose II, 2025

Cerâmica queimada em alta temperatura

[Ceramic fired at high temperature]

31 x 29 x 17 cm

[12 x 11 1/2 x 6 1/2 in]

(MAS0008)





Meiose III, 2025

Cerâmica queimada em alta temperatura
[Ceramic fired at high temperature]

29 x 29 x 26 cm

[11 1/2 x 11 1/2 x 10 in]

(MAS0010)



Osmosis I, 2025

Cerâmica queimada em alta temperatura
[Ceramic fired at high temperature]
18 x 38 x 29 cm
[7 x 15 x 11 1/2 in]
(MAS0019)





Osmosis II, 2025

Cerâmica esmaltada
[Glazed ceramic]
23 x 26 x 23 cm
[9 x 10 x 9 in]
(MAS0013)



Sardenberg Gallery is pleased to open its new space, located at Travessa Dona Paula, 29 with the exhibition Nada Duro o Bastante para Quebrar, by Maria Alice Salgado. In this debut of the artist in São Paulo, what meets the eye is not only a collection of objects, but also an invitation to experience both continuity and surrender.

In Maria Alice's biomorphic forms, there is a palpable search for eroticism in which beings, normally isolated in their individuality, seek fusion with the other. The fired ceramic, intentionally left without glaze or varnish, presents itself as skin—dry, porous, offered. They are bodies that seem to have stopped at the exact moment when the technique dissolves into the earth.

When we observe the detailed construction of those artworks, we can notice an obsessive pulsation: hundreds of small units, like cells or seeds, cluster together to form a whole that seems alive, muscular, and in constant twisting. Such repetition is not mechanical, but rather organic and rhythmic, which suggests a growth that ignores the limits of traditional sculpture. It is matter that folds upon

itself, in a restless movement of desire. There is something deeply sensual in the way these organisms multiply and mate on the gallery floor, a synchronicity of forms whose sole purpose is the beauty of the encounter itself. The raw clay takes us back to the geological time of Ediacara—the exhibition title was taken from the poem The Garden of Ediacara, by Alan Shapiro—in which life flourished in pure presence, even before the rigid biological functions, and multicellular organisms had no mouth, intestines, or reproductive organs. Thus, the gallery in a state of ruin becomes a garden of primordial pleasures.

Maria Alice's artworks don't behave like finished, detached sculptures, but function like bodies in a laboratory of affections, testing terrains and intertwining. The gallery space, suspended between what has been destroyed and what is to come, welcomes these forms as if they were part of an intimate ecosystem. The absence of polishing is not a flaw, but a celebration of texture: the fire acted to interrupt the transformation of the earth into a commodity, preserving the rawness that invites the caress of the gaze.

The artist's background in bio-construction brings a policy of gentleness to the gallery. By using earth and straw—materials related to community care and female knowledge—Maria Alice transforms the construction site into a welcoming space. The visitors are invited to a dance: they must bend down, deviate, and focus on the detail, abandoning rigidity to co-exist with the artworks. There is no monumental imposition, only the silent breathing of surfaces that ask for closeness.

By insisting on forms that are not “hard enough,” the exhibition seduces us with the truth of our own nature: like ceramics, we are made of both earth and desire. Nada Duro o Bastante para Quebrar reminds us, in both a poetic and tender way, that beauty resides precisely in that which is capable of surrendering, of opening itself and, finally, of merging with the world.

SARDENBERG

Terça a sexta, das 10h às 19h.
Sábados, das 11h às 17h.

Travessa Dona Paula 29
Higienópolis - São Paulo, SP

Contato: info@sardenberg.co

Fotos: Ding Musa

www.sardenberg.co